



As Angústias de Viver dos Adolescentes

Análise crítica do filme “As vantagens de ser invisível” de Stephen Chbosky (2012).

Carla Renata Braga de Souza¹

Poderia ser, apenas, mais uma história sobre adolescentes americanos e suas problemáticas, as quais são difundidas para o mundo como padrão de funcionamento. No entanto, o filme “The perks of being a wallflower”, que foi brilhantemente traduzido para o português “As vantagens de ser invisível”, é um filme que retrata de maneira intensa e leve – se é que isso é possível – as angústias de viver próprias de adolescentes que, de alguma forma, fogem dos que clássicos filmes americanos mostram.

¹ Carla Renata Braga de Souza é psicanalista, psicóloga e professora do Centro Universitário Católico de Quixadá (CE).

TELA CRÍTICA

O filme é uma adaptação do livro de mesmo nome, escrito por Stephen Chbosky, que também dirigiu o filme. Este é atemporal, não trazendo marcações da contemporaneidade: celular, internet, gadgets. Sem estes marcadores não podemos precisar se ele se passa nos anos 80, 90, ou 2000, as idas e vindas e os flashbacks são recursos utilizados por quem nos apresenta sua história, que por este motivo, torna-se única. Assim como em um processo de análise, a temporalidade é marcada por uma narrativa conduzida por quem é o personagem principal: sujeito do inconsciente e suas formações.



O enredo traz fenômenos típicos da adolescência, pois como afirmou Le Breton (2017, p. 22) “esse período é em primeiro lugar a resolução para o jovem da questão do sentido e do valor de sua existência”. É assim que muitas das análises começam e é desta forma que o filme se inicia, com o endereçamento – na escrita – de uma história de alguém, em que são apresentadas suas confusões existenciais:

“Querido amigo, estou escrevendo para você, porque ela disse que você ouviria e entenderia e não tentou dormir com aquela pessoa naquela festa, embora você pudesse. Por favor, não tente descobrir quem eu sou. Eu não gostaria que fizesse isso. Só preciso saber que pessoas como você existem. Se você me conhecesse, não pensaria que eu era o garoto esquisito que ficou um tempo no hospital e eu não deixaria nervoso.”

Charlie (Logan Lerman) tem o fio condutor da história e aparece na segunda cena do filme, escrevendo uma carta para um amigo (figura acima), que não sabemos quem é, mas que apresenta um importante lugar, diria que há uma função essencial aí desempenhada, escreverei mais abaixo a este respeito. Charlie é um adolescente de 15

TELA CRÍTICA

anos, tímido que está iniciando o ensino médio, após ter passado as férias tentando se recuperar de uma depressão desencadeada após o suicídio de seu único amigo.

Este episódio agrava uma condição já existente de fragilidade, que é aos poucos revelada como resquício de uma trama complicada, envolvendo: relação abusiva, segredo e um acidente com morte, os quais temos acesso a partir das reminiscências do protagonista. No centro dessas situações está sua Tia Helen, figura que ele classifica como sendo “a mais importante no mundo”.

Tia Helen era a irmã da mãe de Charlie, que sofria com uma relação abusiva com um namorado, ela já havia tentando suicídio, tinha preferência pelo sobrinho Charlie, com quem desenvolveu uma cumplicidade. Ela morreu em um acidente de carro no dia do aniversário dele, véspera de Natal, quando pediu segredo a ele e saiu para buscar seu presente, um LP dos Beatles. Vamos, pouco a pouco, tendo acesso as camadas dessa história de vida de Charlie que se alterna entre as cenas de flashback e acontecimento atuais que, parecem, reatualizar acontecimento passados, mais uma vez semelhante a uma análise.

Com isso, há uma importante articulação entre a história de vida, construída sempre em comunicação entre o passado, ressignificado com os acontecimentos presentes para que haja essa possibilidade de futuro, em outras palavras, este é o trabalho psíquico pelo qual o adolescente passa. Cada personagem adolescente apresenta um drama particular que os mobiliza em busca de saídas, aqui o centro será Charlie.

O filme possibilita dar destaque a diversos pontos. Apresento aqui a jornada do adolescente rumo a descoberta de si mesmo apesar das questões existenciais que povoam sua vida. Nesse caminho, Charlie constrói amizades, perde-as e as retoma, novamente. Esta situação está entrelaçada a história pessoal dele, que ao passo que é apresentada ao telespectador e relatada ao amigo/destinatário, também é revivida pelo adolescente e, começamos a desconfiar de que algo aconteceu no passado, o que de fato aconteceu e é surpreendente como os fatos estão interligados.

TELA CRÍTICA

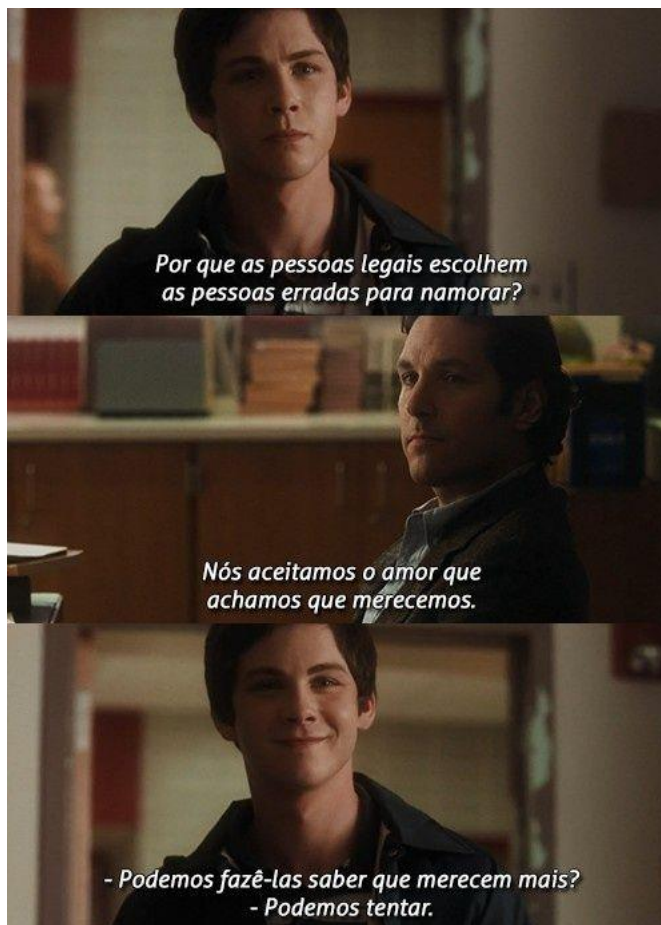
Apesar de inicialmente não ter amigos, Charlie começa uma amizade com Patrick (Ezra Miller), rapaz problemático, carismático, que é gay e namora o não assumido capitão do time de futebol americano da escola. Sam (Emma Watson) é sua meia-irmã, garota que já foi popular na escola e que vai se tornar “a segunda pessoa mais importante no mundo” para Charlie. Juntos eles se denominam “os invisíveis” – *wallflowers*, a tradução não é literal, mas apresenta o mesmo significado semântico -, juntamente com Mary Elizabeth, Alice e Bob. Mas é na amizade com Sam e Patrick que Charlie irá se reposicionar no mundo e, assim dá destino às suas angústias, enquanto escreve sobre elas e suas elaborações para o destinatário das cartas – uma analista talvez?

Tudo muda na adolescência: a escola, os amigos, os pais. O ensino médio é caracterizado como um período escolar que faz marcas profundas nos sujeitos que à época da adolescência precisam lidar com as mudanças dos arranjos sociais, já que os amigos já não são mais os mesmos de quando era criança, nem os interesses e nem as programações sociais. O mundo ganha novas proporções, vislumbrar um futuro na universidade, exercendo uma profissão, questionar-se sobre os relacionamentos ampliam as possibilidades.

Um personagem que tem um importante papel quase oracular para Charlie é o professor de literatura, Bill Anderson (Paul Rudd) que passa trabalhos extras para Charlie, vendo nele tanto um potencial para ser escritor, quanto acredita na capacidade formativa da literatura para as questões existenciais do aluno, que posteriormente torna-se amigo. É com Bill que Charlie protagoniza um dos clássicos diálogos do filme que captura os adolescentes que assistem.

Depois da mudança física, que ocorre frequentemente na puberdade, é relevante observarmos que o adolescente passa pela aceitação do outro. Quando este status é alcançado temos a formação de grupos em que destacamos a amizade o relacionamento amoroso. Não raro, este último é alvo de constantes questionamentos, reflexões quiçá sofrimento intenso na adolescência e o filme traduz as nuances desse assunto tão caro e enigmático ao adolescente.

TELA CRÍTICA



À medida que Charlie se aproxima psicicamente do evento, mais problemático isso se torna. Esta aproximação se dá por situações que ocorrem ao longo do ano: ele presencia a irmã sendo agredida pelo namorado – imediatamente lembra da Tia Helen; presencia uma briga no refeitório da escola, em que Patrick está sendo espancado, Charlie tem um apagão enquanto bate nos valentões, todos se afastam e se surpreendem com ele; presenteia Sam com o LP que sua Tia Helen havia lhe presenteado; beija Sam, pela segunda vez, enquanto se despediam e lembra de algo, que não temos acesso, ninguém tem acesso ao núcleo do trauma que traz a recordação do acontecimento traumático. Contudo, seu surgimento é importante para o trabalho de elaboração e a, conseqüente, retificação subjetiva.

Retomando a figura daquele que recebe as cartas de Charlie, pode-se fazer uma associação ao lugar do analista numa análise. O psicanalista, nesse cenário, é posto como aquele que inicia ouvindo e vendo as queixas serem descritas e narradas, quase

TELA CRÍTICA

em uma relação dual imaginária, mas que, no decorrer das sessões ele vai se apagando, seu lugar é na invisibilidade para o sujeito que lhe fala. O analista não responde às queixas nem aos apelos do analisando, pois “ele sabe menos bem aquilo que responde é menos importante, no caso, do que o lugar de onde responde.” (Lacan, 1955/1998, p. 349). Ele trata dos traumas e das angústias em lidar com os efeitos reminiscentes das memórias do trauma e de como este vem “carregado” de afetos ambivalente. O laço social traz sofrimento seja aquele traumático ou não.

Com a passagem adolescente, os laços familiares não são, entretanto, abandonados, eles são reestruturados a partir da formação de novos laços no social pelo adolescente. Nisto, temos o movimento do adolescente para o reconhecimento de si pelos seus pares e pelos adultos, uma vez que segundo Rassial (1997, p. 105): “em um laço de geração (...) serão multiplicados os sinais de reconhecimento, roupas, gosto, vocabulário, através dos quais o adolescente sustentará sua imagem ao olhar de seus irmãos mais do que ao dos seus pais”. Portanto, o adolescente forma grupos entre seus pares, ingressa nos relacionamentos afetivos e assume aproximações com ocupações específicas dos adultos, a exemplo do posicionamento no campo profissional (COUTINHO, 2009; RASSIAL, 1997).

O filme deflagra uma situação que, ainda, é atual: o adolescente como herói de si mesmo, construindo para si fundamentos de seu estar no mundo adulto, lidando com seus traumas, tendo nos amigos – também adolescentes – o fundamento de suas relações sociais. O analista surge como essa figura sem rosto, sem nome, sem sexo, sem imagem. Ele é o destinatário das mensagens escritas por Charlie e por tantos adolescentes que se identificam com Charlie, Sam, Patrick. Eles buscam reconhecimento, nem que seja para eles mesmos e, assim, podem dizer que existem e que permanecem, encontraram lugar no mundo, serão adultos.

TELA CRÍTICA



O filme – a análise? – termina e Charlie escreve uma última vez:

Eu não sei se terei mais tempo para te escrever cartas, porque estarei ocupado tentando participar. Então, se esta for a última carta, eu quero que saiba que eu estava mal antes de começar o ensino médio e você me ajudou. Mesmo se você não sabia o que eu estava falando ou conheça alguém que estava passando por isso, você me ajudou a não me sentir sozinho. Eu sei que há pessoas que dizem que essas não coisas não acontecem e há pessoas que se esquecem como é ter 16 anos assim que completam 17 anos. E um dia tudo isso será apenas histórias, e as nossas fotos se tornarão velhas fotografias. Todos nós seremos mães e pais de alguém... Mas agora, esses momentos não são apenas histórias, isso está acontecendo. Eu estou aqui. Eu estou olhando para ela e ela é tão linda. EU consigo ver. Neste único momento, em que você percebe que você não é uma história triste, você está vivo. Você se levanta, olha para as luzes dos prédios e tudo aquilo que te faz pensar em algo, e você está ouvindo aquela música enquanto dirige com as pessoas que você mais ama neste mundo. E neste momento, eu juro, nós somos infinitos.”

REFERENCIAS:

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância**: destinos do laço social no contemporâneo. Rio de Janeiro: Nau, Faperj, 2009.

LACAN, J. Variantes do Tratamento Padrão. In **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. (Originalmente publicado em 1955)

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Editora PUC, 2017.

RASSIAL, Jean-J. **A passagem adolescente**: da família ao laço social. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed, 1997.

(2019)